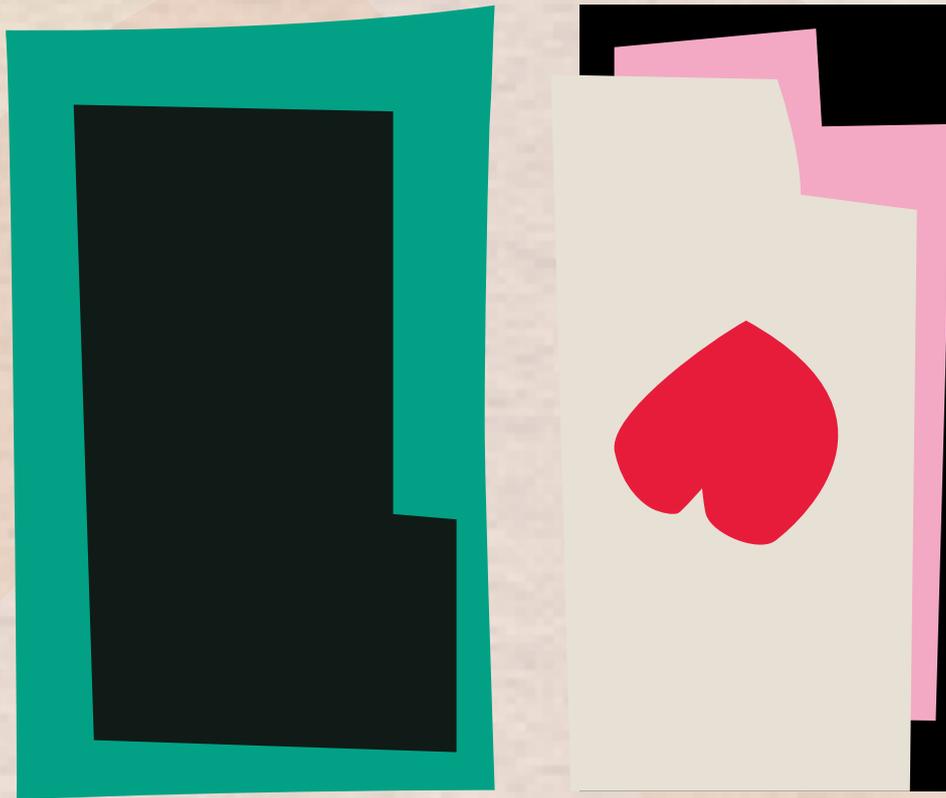


XIII

JORNADAS DA EBP – SEÇÃO SÃO PAULO



BOLETIM

CARTAS DE AMOR

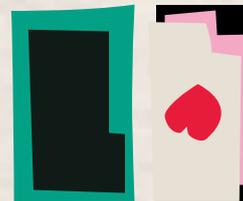
#01



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção São Paulo

SUMÁRIO

- 3 EDITORIAL
- 6 APRESENTAÇÃO DO TEMA
- 10 ABERTURA
- 14 ARGUMENTO
- 19 CORREIO ELEGANTE



EDITORIAL

Milena Vicari Crastelo

Membro da EBP/AMP

Coordenadora da Comissão de Boletim das XIII

Jornadas da EBP-SP

Todas as cartas de amor são ridículas*

“Todas as cartas de amor são
Ridículas.

Não seriam cartas de amor se não fossem
Ridículas.

Também escrevi em meu tempo cartas de amor,
Como as outras,
Ridículas.

As cartas de amor, se há amor,
Têm de ser
Ridículas.

Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
Cartas de amor
É que são
Ridículas.

Quem me dera no tempo em que escrevia
Sem dar por isso
Cartas de amor
Ridículas.

A verdade é que hoje
As minhas memórias
Dessas cartas de amor
É que são
Ridículas.

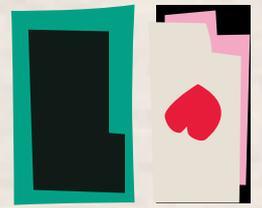
(Todas as palavras esdrúxulas,
Como os sentimentos esdrúxulos,
São naturalmente
Ridículas.)”

*Coletânea de poesias de Álvaro de Campos. Lisboa: Ática, 1944.



AUNG SOE MIN-UNSPASH.COM

CARTAS DE AMOR



No frescor do amor apresento-lhes o primeiro Boletim das XIII Jornadas da EBP – Seção São Paulo, “*Cartas de Amor*”.

Em 1937, Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa, publicou pela primeira vez seu poema, “*Todas as cartas de amor são ridículas*”, esse poema, ecoando na voz de Maria Bethânia, ecoou também em nossa fervorosa conversa para definir o nome do Boletim. Foram muitas ideias e boa conversa até nos rendermos às cartas de amor.

Para falar de jogos do amor, parcerias contemporâneas, nada melhor que cartas de amor, mesmo sabendo que “*Todas as cartas de amor são Ridículas*” pois “*Não seriam cartas de amor se não fossem Ridículas*”.

Penso que o “ridículo” comporta algo do singular de cada sujeito que consente em ser tocado pelo amor, articulo também o ridículo ao humor, o que nos remete às nossas últimas Jornadas que tratou do Riso, que é uma reação ao ridículo.

Ainda sobre o nome, *cartas de amor*, tomando emprestado da língua do outro, *lettre*, nos deparamos com uma palavra de mesma grafia e som que designa tanto carta como letra, conceito caro à psicanálise. A carta/letra testemunha um dizer de amor.

Neste primeiro número de *Cartas de Amor*, Veridiana Marucio, diretora da Seção São Paulo, nos conta o percurso trilhado para a construção do título das Jornadas, mas a largada se deu “a partir de uma certeza comum: queríamos falar do amor. Mas não do amor idealizado, romântico. Queríamos falar das suas dores. Queríamos falar do que se diz sobre o amor na clínica — e, sobretudo, do que uma análise pode fazer com o amor para além do amor de transferência.”

De Lady Gaga a Arnaldo Antunes, não sem passar pela sofrência de Marília Mendonça, a diretoria falou de amor e nos deixou com várias questões para que possamos, ao longo destes meses, atravessar “os labirintos do amor.”¹

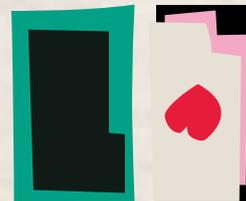
Marilsa Basso, coordenadora geral destas Jornadas, volta a sete anos atrás, resgata as Jornadas “*Amor e sexo em tempos de (des)conexões*” e marca o retorno ao tema do amor, questionando se “seria uma tentativa de extrair o que há de novo”, não sem considerar o “resto que se escandiu e que retorna como questão”.

Faz um recorrido em Lacan, mostrando como ele aborda o amor em vários momentos de seu ensino, e nos lembra uma frase de seu *Seminário 20*: “O amor, há muito tempo que só se fala disso... o amor visa o ser, isto é, aquilo que, na linguagem, mais escapa”². Cá estamos... falando de amor!

1 Título de um texto de Jacques-Alain Miller, publicado em *La Lettre Mensuelle*, n. 109.

2 LACAN, J. (1972-1973). *O Seminário*, livro 20: *mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 55.

CARTAS DE AMOR



No argumento, Sandra Grostein, coordenadora da comissão de orientação, inicia seu texto nos advertindo, com uma poesia de Carlos Drummond de Andrade: “não facilite com o amor.”

Partindo das “condições do amor em Freud”, avança fazendo um percurso do amor no ensino de Lacan e se serve também da lupa de Miller, abrindo várias questões para pensarmos se, ainda hoje, estaríamos sob tais condições.

Provoca-nos também a pensar sobre o destino do amor a partir de uma análise, eu a cito: “Podemos observar as modificações que uma análise introduz na relação de um ser falante com o amor [...]. Mesmo que uma análise se ocupe mais dos “destinos do sintoma”, podemos acompanhar, no desenrolar do trabalho analítico, as modificações, quando elas acontecem, na relação do sujeito no campo do amor.”

E nos convida a espalhar “aos quatro ventos do mundo que a EBP-SP fará uma jornada de trabalho dedicada ao amor na psicanálise.”

O amor faz sofrer, mas também faz dançar, faz cantar, faz embriagar, faz sorrir, faz beijar, faz festejar. Lançamos neste boletim a rubrica *Correio Elegante*, que, com toda sua elegância trará fatias da festa, fazendo a interlocução entre a cultura, a produção artística e a episteme, para irmos nos inspirando para o grande acontecimento.

E abrem a festa em alto estilo, com Chico Buarque em sua belíssima canção *Pedaço de mim*, canção de uma potência gigante, signo de paixão. Chico tem o dom de colocar em cada frase dessa canção o drama de uma dor imensurável... “A saudade é arrumar o quarto do filho que já morreu”.

Amar é... encerra nosso primeiro “Cartas de Amor”, abrindo para que cada um possa se encontrar com o seu “amar é...”

Teremos algo novo para dizer do amor? Com uma, das muitas questões que me tocam, encerro esse editorial convidando-os à leitura e ao trabalho!



APRESENTAÇÃO DO TEMA

I want love, I am in a bad romance¹ ...

Veridiana Marucio - Membro da EBP/AMP

Diretora Geral da EBP-SP

Escolher o título desta jornada foi, desde o início, um exercício democrático — e, portanto, desafiador.

Desde as primeiras reuniões, entre conversas intensas e muitas escutas paritilhadas, eu e minhas parceiras de diretoria começamos a desenhar o caminho a partir de uma certeza comum: queríamos falar do amor.

Mas não do amor idealizado, romântico. Queríamos falar das suas dores. Queríamos falar do que se diz sobre o amor na clínica — e, sobretudo, do que uma análise pode fazer com o amor para além do amor de transferência.

Mas... o amor, de novo?

Pois é. Parece *déjà vu* — e talvez seja mesmo. Por que esse tema insiste em voltar?

Falar de amor — de suas dores e delícias —, escutar as coisas do amor, produz satisfação. Fato. E é preciso estar advertido dos efeitos desse entusiasmo. Sobretudo do risco de ocuparmos o lugar daquele que supostamente “sabe” sobre o amor. (Spoiler: não há garantias — e nós definitivamente não somos especialistas do amor.)

Então por quê?



JON TYSON-UNSPLASH.COM

1 “Bad Romance” foi escrita por Lady Gaga (nome verdadeiro Stefani Germanotta) em parceria com o produtor RedOne (Nadir Khayat). Gaga escreveu a música durante uma turnê, inspirada por temas como amor obsessivo, desejo torto e a dualidade entre prazer e dor — todos bem presentes nas relações modernas. RedOne, que também produziu o hit, foi um colaborador frequente dela na época do álbum *The Fame Monster* (2009), de onde “Bad Romance” faz parte. Curiosidade rápida: Gaga disse que queria capturar “aquela dor que vem com o amor verdadeiro” — e dar a isso uma estética *pop* eletrizante. Fonte (Chatgpt).

CARTAS DE AMOR



Primeiro, porque, embora à primeira vista o amor possa parecer um tema superficial diante de outras questões cruciais da psicanálise, ele está longe de ser irrelevante. Muito pelo contrário: o amor faz sintoma. E como faz! A enxurrada de ensaios sociológicos, filosóficos (sem esquecer das playlists de sofrência e dos memes) publicados nos últimos anos mostra o quanto ele continua tensionando o mal-estar contemporâneo. Ainda que tentemos descartá-lo, ele resiste. Insiste.

E se vivemos, como nos ensina Lacan, sob o domínio do discurso capitalista — esse que “não quer saber nada das coisas do amor” —, então é inevitável: o amor retorna. No real. Com sua estranheza, sua fúria e sua absoluta falta de garantias.

Inspiradas pela força do título das jornadas da NLS, *Painful Love*, começamos a ensaiar algumas possibilidades. “Amores dolorosos”, em português, não nos soava bem. Muitas ideias surgiram — tantas que já nem me lembro de todas — até que chegamos a uma proposta provisória: “Palavras de amor.”

Curiosamente, ao longo desse processo, fomos esquecendo da dor. Foi a coordenadora da Comissão de Orientação quem nos alertou para esse apagamento:

“O que vocês fizeram com a dor?”

Pra que rimar amor e dor?

Essa sugestão de título que, a princípio, nos seduzia pela beleza da canção, já não nos parecia suficiente — algo nele não tocava o ponto certo.

Amores que machucam?

Retomamos a discussão. Afinal, não era apenas das dores de amor que queríamos falar. Chegamos, inclusive, a propor “O amor em todos os seus estados” — um título ambicioso, sim, mas que já partia de um certo fracasso.

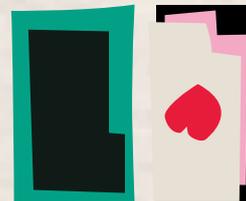
Foi assim que, em vez de buscar diretamente um nome, começamos a levantar as perguntas que realmente queríamos colocar em **jogo**:

Ainda nos apaixonamos? Ainda apostamos no amor?

Se, em O Seminário, Livro 10: A Angústia, Lacan pôde afirmar que “só o amor permite ao gozo condescender ao desejo”, como isso se coloca hoje?

Quando elevado à condição de verdade, o amor revela sua fragilidade: decepciona com rapidez e, muitas vezes, não resiste à dura prova da convivência — a dois, a três, a quatro...

CARTAS DE AMOR



Seria a perda de gozo que o amor implica o que afasta os casais contemporâneos?

O amor exige, de fato, um certo consentimento à falta — e cabe perguntar se, na clínica de hoje, essa falta ainda opera como alavanca ou se ela passou a funcionar como um buraco a evitar a todo custo.

Somamos a essas perguntas algumas constatações:

O “amor da minha vida” parece ter saído de cena. Deu lugar ao *speed dating*, ao *speed loving* e a toda uma coreografia de encontros amorosos que podem ser alternativos, sucessivos — e, por que não, simultâneos.

Por outro lado, convivemos com o crescimento de pedidos de noivado performáticos e casamentos cada vez mais tradicionais que também figuram entre as exigências do amor contemporâneo.

Foi então que, nesse processo democrático (e nada linear) de construção do título, alguém da comissão soltou, quase como quem não quer nada: “o que se joga no amor? Os Jogos do Amor”. E outro emendou, sem perder o *timing*: “Parcerias contemporâneas”.

Pronto. A coisa pegou. Entre *matches* que duram 10 minutos e casamentos que custam o preço de um apartamento, entre promessas de eternidade e silêncios no *WhatsApp*, os famosos *ghostings*, parecia que tínhamos achado o tom certo.

Faltava decidir se eram os jogos, ou jogos, e enfim decidimos por: **“Jogos do amor, parcerias contemporâneas”**.

Para finalizar essa apresentação, deixo algumas perguntas que me pareceram especialmente pertinentes — e que, confesso, tocaram algo em mim quando iniciamos a nossa divulgação nas redes:

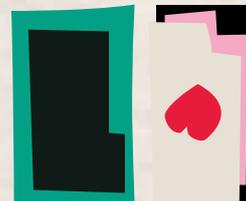
Quais são as canções de amor que ecoam os encontros amorosos contemporâneos? De Lady Gaga (*poker face*), passando por Marília Mendonça (de quem é a culpa) a Arnaldo Antunes (O Amor é a droga mais forte) dentre outros — o que embala os amores de hoje?

Quais ideias de amor estão presentes nas músicas que ouvimos no cotidiano? O que elas nos dizem sobre os modos de amar (e desamar) atualmente?

E como essas formas de amar chegam à escuta do analista? E como isso ressoa na clínica?

Demos a largada! Agora, vamos construir juntos essa *playlist* — com todos os tons, pausas, refrões e repetições que o amor comporta.

CARTAS DE AMOR



Poker Face – Lady Gaga

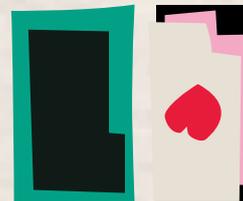
Aposto alto, mostro o que tenho
Sou como ninguém nesse cassino
Vou deixá-lo duro como pedra
E então jogá-lo como se fosse meu brinquedo favorito
E eu nunca vou contar, nunca, nunca
Não se preocupe com meus segredos
Não vou contar pra ele que estou apaixonada
Não, ele não sabe o que estou sentindo
Não vou contar pra ele que estou apaixonada
Não, ele não sabe...

Marília Mendonça (de quem é a culpa)

“Deixa, deixa mesmo de ser importante
Vai deixando a gente pra outra hora
E quando se der conta já passou
Quando olhar pra trás já fui embora...”

Arnaldo Antunes (O Amor é a droga mais forte)

O amor é a droga mais forte
Que vicia logo no flerte
E o que vem depois se reparte
Cicatriz por cima do corte
O destino faz sua parte
Fora isso só mesmo a sorte
Mais que isso só mesmo a morte”



ABERTURA

Jogos do amor, parcerias contemporâneas

Marilsa Basso - Membro da EBP/AMP

Coordenadora Geral das XIII Jornadas da EBP-SP

Acompanhar a atualidade a partir do que aparece na clínica é fundamental para o exercício da psicanálise, e localizar a posição do sujeito, assim como seus modos de gozo e as novas manifestações sintomáticas, é uma maneira ética de responder às diversas situações que nos são apresentadas. O amor está em jogo o tempo todo, na vida e na análise, desde seu começo até o final. Quais são os significantes mestres hoje e quais são os discursos que enlaçam ou desenlaçam os sujeitos? Quais as parcerias sintomáticas na da vida amorosa na contemporaneidade?

Na Seção São Paulo, sete anos atrás, tratamos do tema “Amor e sexo em tempos de (des)conexões”¹ e, depois de uma trajetória em outras Jornadas, voltamos então ao tema do amor. Seria isso uma tentativa de extrair o que há de novo, não sem o resto que dali se escandiu e que retorna como questão?

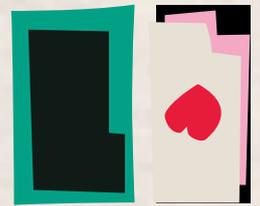
Sempre se falou de amor, como disse Lacan: “O amor, há muito tempo que só se fala disso... o amor visa o ser, isto é, aquilo que, na linguagem, mais escapa”². Fala-se de amor na poesia, na música, na literatura, na filosofia e, claro, na psicanálise desde Freud. Nestas Jornadas, “Jogos do amor, parcerias contemporâneas”, privilegiaremos falar da clínica, dos casos, do amor de transferência, dos descasos, do desamor, dos afetos e desafetos, do sofrimento, da dor, das perdas, das satisfações e insatisfações e dos novos arranjos.

1 VIII Jornadas da EBP/SP 2019.

2 LACAN, J. (1972-1973). O Seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 55



ANNIE SPRATT - UNSPLASH.COM



O que na clínica escutamos sobre o amor? O que nas ruas se fala sobre o amor? O que nos laços há de amor e de ódio? O que do amor marca uma vida, faz nascer e morrer? Qual é o oposto do amor? Podemos dizer de novos “estatutos do amor”? O que no amor há de jogos, desejo e gozo? São questões que ecoam e que poderão ser exploradas nas Jornadas que hoje lançamos.

Lacan fala de amor em muitos momentos de seu ensino, a começar pelo amor narcísico, quando trabalha a questão da imagem, do estádio do espelho, em que o amado é o próprio eu, mas fala também do amor cortês, do amor místico e das paixões. Temos então um tempo em que o amor aparece como ideal e, agora, um momento em que discutimos o declínio do patriarcado, tempo no qual o amor aparece sem referência ao pai, numa horizontalidade, não mais numa verticalidade, o que não é sem consequência para as parcerias amorosas contemporâneas.

No seminário sobre *a ética da psicanálise*, Lacan toma a questão do objeto no amor elevado à dignidade da Coisa³, relacionando-a à questão da sublimação. Em 1960-61, ao abordar *a transferência*, ele afirma que “o amor é um sentimento cômico” e que “é dar o que não se tem”⁴. Depois, no seminário sobre a angústia, vai dizer que “o amor é um fato cultural”⁵ e, ao contrário do desejo, visa o ser, e que “só o amor permite ao gozo condescender ao desejo”⁶. Deixando o tema ainda mais complexo, no *Seminário II* ele diz: “Eu te amo, mas porque inexplicavelmente amo em ti algo mais que tu — o objeto *a* minúsculo —, eu te mutilo”⁷. Já em *Mais-ainda*, diz que o amor “é sempre recíproco”⁸ e “o que vem em suplência à não relação sexual”⁹.

A sexualidade sempre foi um tema para a psicanálise; falar disso não é nada contemporâneo. Mas o que gira em torno disso, sim: os novos discursos e as novas maneiras de lidar com o corpo próprio e com o corpo do outro. Abordaremos o que isso ecoa nas identidades, nos modos de fazer laços ou na revelação da ausência deles, na solidão, enfim, no amor que se dá pela parceria sintomática, desde o ideal de completude até seu avesso, passando pelo amor tóxico e pelo amor livre. Em *Mais-ainda*, ao tratar do tema do corpo, Lacan fala do amuro: “O amuro é o que aparece em signos bizarros do corpo”¹⁰.

H

3 LACAN, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 167.

4 LACAN, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 41.

5 LACAN, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 198.

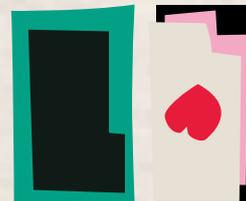
6 Idem, 197.

7 LACAN, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 249.

8 LACAN, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p.12.

9 Idem, p. 62.

10 Idem, p. 13.



ervé Castanet afirma: “O amor é ao mesmo tempo um laço e um gozo. Enquanto laço, quer dizer, enquanto discurso, ele responde à ordem caracterizando o mestre da época. Enquanto gozo, ele serve à desordem pela relação sexual que não existe”¹¹. Complemento com Patrícia Bosquin-Caroz: “O amor não é somente relativo aos efeitos de discursos, que variam segundo a época, ele é também fato de estrutura”¹². Quando falamos estrutura, nos remetemos também à questão do corpo, do corpo marcado pela linguagem, efeito mesmo do significante que o constitui e deste ao “corpo que se goza”, retomando Lacan em “A terceira”¹³. O discurso muda e as estruturas continuam as mesmas?

O que podemos localizar atualmente é que há um imperativo de gozo, uma disponibilidade e diversidade de objetos. Isso muda muita coisa em relação ao laço com o outro e com o mundo. Se o amor é o que faz suplência à não relação sexual, se ele é o que vem em resposta à não complementariedade, à incompletude inerente à formação psíquica, uma vez que a relação de objeto é o que marca a relação do sujeito com o outro, tende-se a ficar aí, seja no autoerotismo, seja na evitação do amor, exaltando assim a solidão e o isolamento? Ainda assim, os sujeitos se relacionam, buscam satisfações diversificadas, ainda que não mais pautados em fazer Um.

Observamos, por exemplo, que, em muitas relações amorosas do mundo virtual, o que há não é necessariamente a ausência de encontros, mas sim uma multiplicidade deles, que proliferam e se perdem pelo excesso, e que comportam, pela via das inúmeras possibilidades imaginárias, uma intolerância a qualquer coisa que falte, que aponte para a não-relação. Há aí uma evidência do excesso narcísico ou um não querer saber daquilo que no encontro causa desconforto. Com certa frequência, há uma evitação da angústia e repetições que arriscam cair na compulsão, na rigidez ou na inflexibilidade, como notamos nas relações tóxicas.

Quando é que uma relação se torna tóxica? Quando um se sobrepõe ao outro? Quando a gana do gozo mortífero prevalece? Quando se tem medo da perda ou da solidão? Quando uma identidade é frágil ao ponto de precisar extrair da relação um lugar e garanti-lo, mesmo que pela dor? Quando não se sabe o que ali no laço se vive, ou seja, na alienação cega ao outro imaginário? Como extrair disso a posição fantasmática que comporta um real que invade sem mediação simbólica, e fazer disso uma questão para análise? De toda maneira, há uma posição subjetiva e um gozo que devemos colocar em questão.

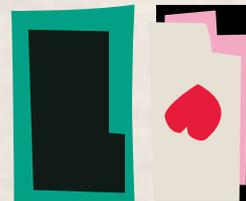
A dor é implícita ao amor. Quando nele algo de si é sacrificado em nome de uma possível relação em que um outro gozo prevalece. Do que se abre mão, aí nesse ponto, e o que se tem como

11 CASTANET, H. *Ordres et désordres amoureux au XXIe siècle*. Paris: Economica, 2015, p. 7.

12 BOSQUIN-CAROZ, P. *Les amours douloureuses*. In: Quarto 138, dez 2024, p. 45.

13 LACAN, J. “A Terceira”. In: *Opção Lacaniana*, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, n. 62. São Paulo, 2011.

CARTAS DE AMOR



troca? Aceder ao amor implica uma dor que pode ser sem medida. Tomo como palpite a frase de Marie-Hélène Brousse: “Sem dúvida porque o amor é uma paixão, tal como o ódio e a ignorância”¹⁴.

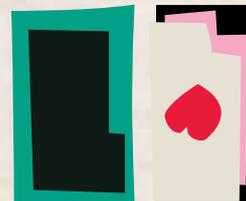
Nas nossas Jornadas vamos tratar também dos casos de violência, dos casos terríveis, onde situamos as barbáries tal como o feminicídio, a perseguição, o crime passional, a manipulação, a transgressão, a obsessão, a violação de privacidade, o sadismo, e assim segue. Quando o amor se torna louco, ou seja, escapa a qualquer mediação simbólica possível, pode acontecer a passagem ao ato e arrisca-se até mesmo a vida.

Aguardamos os casos para nossas Jornadas Clínicas. Teremos como convidada Raquel Cors Ulloa, Membro da NEL/AMP. Para instigá-los um pouco mais, espero, termino com uma frase dela:

“Analisar-se, escutar o saber textual do inconsciente, ler os modos de amar, desejar, gozar, implica bordejar um furo, porque um furo se bordeja, senão não é um furo. Tentem com um lápis” (arriscando-se com casos de sua clínica) “ou ao fazer crochê... como queiram!”¹⁵

14 BROUSSE, M.-H. *Quels excès dans l’amour?* ASREEP/NLS, 5 jul, 2022. Disponível em: <https://asreep-nls.ch/quels-exces-dans-lamour/>.

15 ULLOA, R. C. *Amor à feminilidade, ódio ao feminino*. Disponível em: <https://www.encontrobrasileiro2020.com.br/amor-a-feminilidade-odio-ao-feminino/>.



ARGUMENTO

Jogos do amor, parcerias contemporâneas

Sandra Arruda Grostein - AME da EBP/AMP

Coordenadora da Comissão de Orientação

Não facilite com a palavra amor.

Não a jogue no espaço, bolha de sabão.

Não se inebrie com seu engalanado som.

Não a empregue sem razão acima de toda razão (e é raro).

Não brinque, não experimente, não cometa a loucura

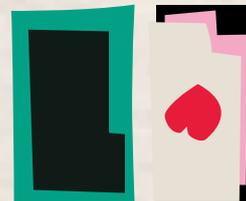
sem remissão de espalhar aos quatro ventos do mundo essa palavra que é todo sigilo e nudez, perfeição e exílio na Terra.

(Carlos Drumond de Andrade, “O seu santo nome”, em *Corpo* 1984)

O título proposto para as décimas terceiras Jornadas de Psicanálise da EBP-SP articulam ao modo borromeano quatro termos diferentes: jogo, parceria, contemporâneo e amor – sendo este último o elemento central que permite aos outros três permanecerem ligados. Uma articulação possível entre o tema destas Jornadas e outros eventos no âmbito da EBP e da AMP pode ser pensada como uma série: as XII Jornadas de 2023, centradas no riso – onde foi lembrado, com Lacan, que “o amor é um sentimento cômico”; o XXV Encontro Brasileiro, em 2024, voltado para o Seminário XIX, sobre os Corpos aprisionados pelo discurso; e agora estas Jornadas em consonância com as discussões rumo ao Congresso da AMP de 2026, dedicado ao aforisma lacaniano “não há relação sexual”.



EROS E PSYQUE - BOSTON PUBLIC LIBRARY - UNSPLASH.COM



Tomemos como ponto de partida “As condições do amor em Freud”¹ para apresentá-las e, quem sabe, atualizá-las, perguntando: o amor continua sob condição com o passar do tempo? Poderíamos dizer que elas são as mesmas apresentadas por Freud em 1911? Se sim, por que resistiram às mudanças de época? Se não, que mudanças podemos localizar?

Jacques-Alain Miller, em seu curso “Divinos detalhes”², releu o texto acima citado de Freud privilegiando a relação de objeto como paradigma das condições de escolha amorosa. No ensino de Lacan, a referência central nesse ponto é a relação do sujeito com o Outro – seja em sua dimensão imaginária ou simbólica. Miller retoma e comenta, uma a uma, as condições recolhidas por Freud em sua clínica, que nos guia neste argumento.

O amor como jogo com regras

Entendido como um conjunto de condições, regras e convenções, o jogo nos oferece uma boa metáfora para a abordagem psicanalítica do amor. Freud, em “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem”³, enumera quatro condições:

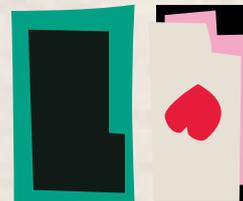
1. Condição de um terceiro prejudicado;
2. Amor à prostituta;
3. Objeto precioso substituível na série;
4. Salvar a mulher.

Vale lembrar que, nesse momento da obra freudiana, o sujeito é designado pelo masculino e o objeto, pelo feminino. Freud parte então da bissexualidade infantil e do complexo de Édipo como matriz da escolha amorosa. A solução desse complexo, como é amplamente conhecido, estabelece o traço identificatório a partir do qual se torna possível a escolha da parceria sexual. Para ele, existe a matriz do primeiro amor, do qual não se pode desligar, uma teoria sobre o amor que o faz repetição. E o encontro com o objeto amoroso é sempre um reencontro, portanto faltoso por definição. As condições amorosas são aquelas segundo as quais o sujeito faz a sua escolha de objeto buscando “harmonizar” as exigências da realidade com sua fantasia.

1 FREUD, S. (1910). “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem”. In: *Obras Completas*. v. 8: *Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos* (1909-1910). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.335.

2 MILLER, J.-A. (1989). “Degradación de la vida amorosa”. In: *Los divinos detalles*. Buenos Aires: Paidós, 2010, p. 85.

3 FREUD, S. (1910). “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem”. In: *Obras Completas*. v. 8: *Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos* (1909-1910). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.335.



Amor cortês: regra da privação

O historiador Johan Huizinga, em “O outono da Idade Média”, diz que “o espírito medieval sofreu uma das mudanças mais importantes ao desenvolver pela primeira vez um ideal amoroso com uma tônica negativa”⁴. Foi no amor cortês dos trovadores que a insatisfação em si se tornou o motivo principal. Ainda segundo o autor, “criou-se uma forma de pensamento erótico capaz de abranger uma profusão de aspirações éticas, sem por isso renunciar por completo à sua conexão ao amor das mulheres. Do próprio amor sensual brotara a servidão cortês à mulher, sem nunca exigir a realização amorosa. O amante nobre segundo a teoria do amor cortês torna-se virtuoso e puro pelo seu amor. Todas as virtudes cristãs e sociais, a estrutura inteira das formas de vida, foram encaixadas na moldura do “verdadeiro amor” pelo sistema do amor cortês.”⁵

Ou ainda “o anseio por estilizar o amor era mais do que um jogo fútil. Era o poder da paixão em si que exigia, da sociedade do final da Idade média, que transformasse a vida amorosa em um belo jogo com regras nobres. E, acima de tudo, havia a necessidade de enquadrar as emoções em formas fixas para que o homem não se entregasse à barbárie.”⁶

Lacan, no *Seminário VII: A ética da psicanálise*, retoma o amor cortês para destacar a “regra” de abstinência em análise. Ele diz: “o objeto, nomeadamente aqui, o objeto feminino, se introduz pela porta mui singular da privação, da inacessibilidade”⁷. Cabe aqui ressaltar a característica sublimatória desse objeto: “A criação da poesia consiste em colocar, segundo o modo da sublimação própria à arte, um objeto que eu chamaria de enlouquecedor, um parceiro desumano”.⁸

Esse tipo de parceria se presta muito bem para estabelecer os limites e os contornos do amor de transferência, pois a psicanálise “instala a proibição no presente”, onde a regra da abstinência está ligada à regra da associação livre ao possibilitar o amor de transferência e não a satisfação pulsional. Miller vai dizer que “a satisfação é inimiga do amor”, em seu curso “Divinos detalhes.”⁹

Lacan, no *Seminário VIII: A transferência*, diz que o que vamos encontrar a todo momento numa análise, e que nos servirá de guia, é que “o amor é dar o que não se tem”¹⁰. É aqui que vamos encontrar o impasse e o problema do amor, a saber, que o sujeito não pode satisfazer a demanda do Outro senão rebaixando-o, fazendo desse Outro o objeto do seu desejo.

4 HUIZINGA, J. “O sonho de amor e heroísmo”. In: *O outono da Idade Média*. COSACNAIFY, p.115.

5 Idem.

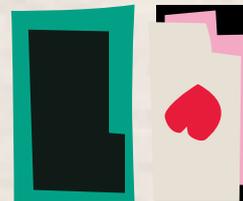
6 Idem, p.116.

7 LACAN, J. “O amor cortês em anamorfose”. In: *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1988, p. 182.

8 Idem, pg. 181.

9 MILLER, J-A.1989. *op.cit.*, 49.

10 LACAN, J. *O Seminário. Livro 8: Transferência*, Rio de Janeiro, Zahar, 1988.



O amor além das regras

Miller, ao esboçar sua teoria do parceiro, define que o amor não se estabelece na relação com o Outro pela via direta do instinto, e sim indiretamente através do sintoma. Com isso ele deixa claro que o parceiro amoroso do sujeito, segundo a psicanálise, é algo do próprio sujeito, “seja sua própria imagem, teoria do narcisismo retomada por Lacan no Estádio do espelho, seu objeto a, seu mais-de-gozar, e fundamentalmente seu sintoma”¹¹.

Ele esclarece a importância do parceiro para a psicanálise ao dizer que o sujeito lacaniano é impensável sem um parceiro, ele tem de maneira essencial um parceiro, isto é, de maneira não contingencial; ela é necessária e de estrutura.

Como a parceria é estrutural e o Outro não existe, foi preciso incluir mais uma referência. “O Outro não existe. Há o Um”, diz Miller em “L’Un est lettre”¹², diferenciando o ser do existir. Em tempos em que o inconsciente cede seu lugar ao falasser, neologismo lacaniano que reúne o sujeito do inconsciente e seu corpo, essa foi a alternativa encontrada por Lacan, no Seminário XX, ao constatar que o “Outro não se adiciona ao Um”. O esforço de Lacan nesse momento de elaboração era situar o amor no real, encontrar um novo lugar para ele, diferenciando-o do amor no imaginário, narcísico, mas também do seu lugar no simbólico, tendo o falo como significante da falta, segundo sua celebre definição: “o amor é dar o que não se tem a alguém que não o quer”¹³.

Amor e real: parceria sintomática

Em seus últimos Seminários, Lacan procura situar a relação do amor com o real, portanto, na medida em que a mediação fálica perde importância, o saber vem substituir essa marca que assegura o amoroso do encontro. A parceria sintomática é a resposta lacaniana ao amor no registro do real.

Podemos observar as modificações que uma análise introduz na relação de um ser falante com o amor considerando que o amor é, via transferência, “um dos principais instrumentos da cura”, segundo expressão de Fabian Fajnwaks¹⁴. Mesmo que uma análise se ocupe mais dos “destinos do sintoma”, podemos acompanhar no desenrolar do trabalho analítico as modificações, quando elas acontecem, na relação do sujeito no campo do amor.

11 MILLER, J.-A. “A teoria do parceiro”. In: *Os circuitos do desejo na vida e na análise* – Escola Brasileira de Psicanálise. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000, p. 153.

12 MILLER, J.-A. “L’Un est lettre”. In: *La Cause du Désir* – Revue de psychanalyse, v. 107. Paris: Navarin Editeur, 2021, p. 15.

13 LACAN, J. *O Seminário livro 12*, aula de 17 de março 1965 (inédito).

14 FAJNWAKS, F. “L’amour après l’amour: un amour réel?”. In: *La Cause du Désir* – Revue de psychanalyse, v. 110. Paris: Navarin Editeur, 2022, p. 65.

CARTAS DE AMOR



Embora a análise trate essencialmente dos destinos do sintoma, ela transforma, quando bem-sucedida, a relação do falasser com o amor. Lembrando que, para Lacan, no Seminário XXIV, o amor é uma experiência ligada ao saber, mas possivelmente o saber sobre o gozo ou o saber dos efeitos de verdade.¹⁵

Do recalque à exibição

Como não reconhecer a fissura entre o tempo de Freud – sob o império da era vitoriana – e o século XXI, onde o pornô prolifera e a sexualidade se torna espetáculo acessível com um clique? Saímos da interdição para a permissão, e desta para a incitação, a provocação e o forçamento.

“Nada melhor que a profusão imaginária de corpos se entregando a um se dar e a um se pegar para mostrar a ausência da relação sexual no real”, diz Miller em “O inconsciente e o corpo falante”.¹⁶

Isso nos leva à pergunta que norteia estas Jornadas: há algo novo nesse campo extremamente diversificado das parcerias atuais (amor virtual, aplicativos de encontro, poliamor, relações abertas, casamento lavanda etc). Que mudanças os sintomas contemporâneos no campo amoroso impõem à clínica e às nossas referências teóricas?

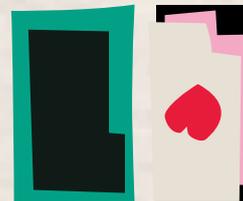
Atendendo à recomendação do poeta, não vamos facilitar com a palavra-amor, que elevada à dignidade de conceito vai nos permitir debater, questionar, rever, enfim, atualizar nossas referências sobre o tema!

Contrariando o poeta, por favor espalhem aos quatro ventos do mundo que a EBP-SP fará uma jornada de trabalho dedicada ao amor na psicanálise.

Por favor, espalhem...

15 LACAN, J. *O Seminário, livro 24: Lo no sabido que sabe de la una – equivocación se ampara en la morra.* (inédito.).

16 MILLER, J.-A. “Orientação: O inconsciente e o Corpo falante”. In: *Scilicet: O Corpo falante – Sobre o inconsciente no século XXI.* São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016, p. 27.



CORREIO ELEGANTE

A festa já começou!

Rômulo Ferreira da Sila - AME da EBP/AMP

Coordenador da Comissão de Festa



DEBBY HUDSON- UNSPLASH.COM

Ela começa colocando em marcha o que poderemos colher no dia trinta e um de outubro, Dia das Bruxas, não esqueçamos; e no dia primeiro de novembro de 2025.

O tema das Jornadas nos instigou a participar do trabalho preparatório desse acontecimento especial da EBP-SP para além do momento de confraternização que sempre finaliza nossos eventos.

Propomos contribuir ativamente para as coordenadas de trabalho que serão encaminhadas pelas demais Comissões. Os jogos do amor encontram ambiente propício no espaço de uma festa, antes, durante e depois. Muitas vezes as festas são marcantes justamente por terem acolhido tais ocorrências, tenham sido essas repletas de sofrimento, desencontros, rupturas drásticas e decepções; ou, pelo contrário, grandes surpresas e encontros felizes.

As artes em geral: música, filme, literatura e teatro, como exemplos, estão repletos de conteúdos que podem nos provocar o trabalho sustentado na Orientação Lacaniana.

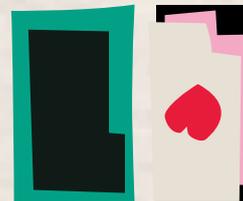
Nossa aposta é essa! Que a preparação da festa contribua de forma epistêmica para as nossas Jornadas.

Teremos uma rubrica no Boletim das Jornadas que se chamará Correio Elegante, através da qual, a cada número traremos uma contribuição.

Nesse primeiro número, contamos com a participação de Eduardo Marchesan.

Em breve divulgaremos os detalhes da festa!

Rômulo, Pepita, Valéria, Tainã, Bárbara, Vinícius, Eduardo, Jefferson, Luis Henrique e Paula.



Sofrimentos amorosos – uma nota sobre a canção Pedaco de mim

Eduardo Caliendo Marchesan

Associado ao Clin-a

Estamos começando nosso Correio Elegante abordando o sofrimento amoroso. Mas por quê? Talvez um indício para uma resposta esteja na edição nº 370 do *HebdoBlog*, dedicada ao tema das jornadas da *New Lacanian School*, *Les souffrances amoureuses* (quão conveniente!). Ali, Patricia Bosquin-Caroz¹ retoma uma pergunta central: a dor é intrínseca ao amor?

O ar de evidência presente na resposta “Sem dúvida!” poderia por si só justificar nossa escolha, mas a evidência esconde não apenas aquilo que sustenta tal afirmação, como também o fato de que, no amor, há múltiplas versões para a dor e o sofrimento.

Enquanto suplência para a não-relação sexual, o amor conjuga uma tentativa de solução com a falta que, a um só tempo, motiva tal solução e se inscreve em seu cerne². Nestes termos, o sofrimento amoroso não se resume à consequência da separação que, ao dissolver a suplência, desvela a impossibilidade radical de conjunção do desejo com o objeto. O encontro amoroso comporta angústias, vertigens, tormentos e decepções que, não é exagero dizer, decorrem de sua própria natureza.

Tendo isso em vista, o que orienta o breve comentário sobre a canção proposta para esta rubrica, *Pedaco de mim* de Chico Buarque, é a pergunta sobre qual sofrimento é encenado neste caso particular. Do que sofre o Eu lírico?

Pedaco de mim deriva de uma linhagem de textos sobre o sofrimento amoroso que põem em cena a perda e o luto, o que, do ponto de vista do estilo discursivo, a inscreve na tradição romântica. Entretanto, não é exatamente a perda do objeto que atormenta o Eu lírico. É fato que a separação do objeto aparece tanto no modo como ele é caracterizado (“metade afastada de mim”, “metade exilada

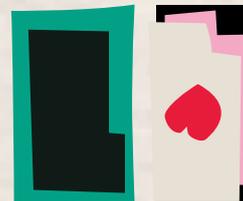


FONTE: MUSIC. PIXABAY.COM

1 Bosquin-Caroz, Patricia. *Les Amours Douloureuses*. L’Hebdo-Blog, n.370.

2 Aqui, vale a referência ao texto de Augustin Ménard no qual ele afirma que “fazer uma suplência” significa que a falha, a falta que a convoca não é reduzida, preenchida, mas que ela permanece incluída na solução que possibilita ir além. Ver Ménard, A. *Clinique de la Stabilisation psychotique*. *Abords*, n. 1, nov. 1994.

CARTAS DE AMOR



de mim” e “metade arrancada de mim”) quanto nas comparações que caracterizam a saudade: ela é como arrumar o quarto de um filho que já morreu, como uma fígada no membro perdido. O eu, figurado no enunciado pelo pronome pessoal “mim”, privado de uma parte de si, sugere que a dor vem da perda da ilusão da completude imaginária. Como forma oblíqua tônica do pronome, “mim” ocupa a posição de objeto indireto, o que dá forma à confusão entre o Eu e o objeto: o que é amputado, arrancado e adorado é uma parte de “mim”. Entretanto, me parece que o sofrimento vem de fato da presença dos restos do objeto apartado. É isso que motiva os apelos para que sejam levados “olhar”, “sinais” e “vulto”, isto é, os traços do objeto exilado. Se a saudade é o que dói, esta dor é consequência do que ainda há de presença, presença mortificada: “não quero levar comigo a mortalha do amor”.

Assim, o sofrimento, aqui, parece ser distinto de sofrimentos mais imaginarizados de canções que pedem pela volta do amado, ou nas quais é a lamúria do Eu lírico que ganha relevo (penso, por exemplo, no clássico de Lupicínio Rodrigues “Volta” ou em canções de sofrência, que abordaremos em outros boletins). Talvez seja por isso que a letra sugere um sofrimento da ordem do horror: pela dimensão Real do sofrimento encenado.

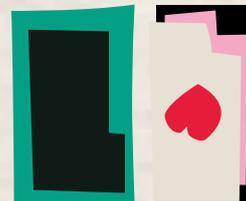
Pedaço de mim³

Oh, pedaço de mim
 Oh, metade afastada de mim
 Leva o teu olhar
 Que a saudade é o pior tormento
 É pior do que o esquecimento
 É pior do que se entrevar

Oh, pedaço de mim
 Oh, metade exilada de mim
 Leva os teus sinais
 Que a saudade dói como um barco
 Que aos poucos descreve um arco
 E evita atracar no cais

3 Compositor: Chico Buarque.

CARTAS DE AMOR



Oh, pedaço de mim
Oh, metade arrancada de mim
Leva o vulto teu
Que a saudade é o revés de um parto
A saudade é arrumar o quarto
Do filho que já morreu

Oh, pedaço de mim
Oh, metade amputada de mim
Leva o que há de ti
Que a saudade dói latejada
É assim como uma fisgada
No membro que já perdi

Oh, pedaço de mim
Oh, metade adorada de mim
Leva os olhos meus
Que a saudade é o pior castigo
E eu não quero levar comigo
A mortalha do amor
Adeus

XIII

JORNADAS DA EBP – SEÇÃO SÃO PAULO

BOLETIM

CARTAS DE AMOR

Diretoria da EBP - Seção São Paulo: Diretoria Geral: Veridiana Marucio | Diretora de Secretaria e Tesouraria: Jovita Carneiro de Lima

Diretora de Cartéis e Intercâmbios: Mirmila Musse | Diretora de Biblioteca: Camila Colás

Coordenação Geral das XIII Jornadas: Marilsa Basso

Comissão do Boletim: Milena Vicari Crastelo (Coordenação), Eduardo Vallejos da Rocha, Francisco Durante, James Valeriano, Laura Mansin, Maria Célia R. Kato, Rosângela C. Turim, Valéria Ferranti

Designer: Bruno Senna